

Acordes do Grande Livro do Mundo – A Poesia de António Ramos Rosa

Maria João Fernandes

AICA – Associação Internacional de Críticos de Arte

O que dizemos é uma vibração do mundo

António Ramos Rosa, *Volante Verde*

A poesia de António Ramos Rosa coloca-nos num limiar que dispensaria todas as palavras, menos as da voz inicial que soube inventar e atravessou o espanto e o tumulto do tempo, recriando a própria criação, levada por um desejo que, sem nomear o seu objetivo, o desenha, com a nitidez plástica, o relevo, a melodia de uma realidade sonhada e verdadeira.

A sua poesia apela a um discurso interminável, rio de palavras que nasce de um magma ardente, do mar vertiginoso que está na sua origem, “mãe, matriz, matéria”¹, onde se perfila o que ainda não tem nome e busca uma forma, “uma formulação que seria a própria pulsação do informulado”². Ao entrar na sua poesia entramos no domínio do desconhecido: “a leveza é a exacta leveza do desconhecido que respira através de mim, comigo”³, onde os sinais são ícones do mistério e nos falam com o mesmo acaso, com o mesmo imprevisto que os liga aos ícones do mundo e simultaneamente com o mesmo rigor de uma ordem oculta. Devemos enfrentar o maravilhoso, o surreal, o vazio, o absurdo, o surrealismo de uma lucidez que no entanto conhece os seus limites.

O poeta exige do leitor uma participação ativa. A linguagem é o ténue fio que o introduz no dédalo dos aspetos, numa floresta de fogo, num incêndio onde se consomem os rostos quotidianos das coisas, dos seres, do mundo. Se

¹ António Ramos ROSA, *Três Lições Materiais*, Lisboa, Kairos, 1989, p. 21.

² *Id.*, *Clareiras*, Lisboa, Ulmeiro, 1986, p. 7.

³ *Ibid.*, p. 11.

o mito procura respostas a questões essenciais, iniciais, a poesia de Ramos Rosa, sem deixar de o fazer, coloca-se no próprio espaço da incerteza, onde as respostas são outras perguntas: “Que resposta que não seja a pergunta e a sombra dela?”⁴, e onde uma única pergunta poderia resumir toda a angústia, o desejo de penetrar a opacidade fundamental do espaço, do espaço do conhecimento: “Deixamos a segurança e a certeza/ ante o arco da única pergunta”⁵.

“Será possível despertar?”⁶, “Onde é que o mundo brilha?”⁷. Perguntas que refletem o desejo de um espaço original, do secreto esplendor do mundo no seu começo, de uma “unidade límpida, central, feliz”⁸, da harmonia do amor, da coincidência do corpo e do espaço, do corpo e de um outro corpo, do corpo e da palavra. Esplendor entrevisto, perdido, sempre perseguido.

Sombra do Paraíso

mis oídos escuchan al único amor que no muere

Vicente Aleixandre

A poesia e a poesia de Ramos Rosa nascem do desejo, da ausência, do desejo de um corpo e do desejo de um espaço: “Porque não soube merecer a glória, a mais suave/ de me deitar ao teu lado/ e que do sangue a palavra/ abolisse a diferença entre o meu corpo e a minha voz/ porque te perdi/ não sei quem sou”⁹.

Perder o outro é perder o mundo, é encontrar o mundo. Perder é ir ao encontro da realidade do desejo, da realidade da poesia. Perder o outro que se nega: “se não oiço ninguém, se não busco nada, se não procuro ninguém”¹⁰ e se deseja: “procuro o espaço, procuro o corpo”¹¹ é ficar solto numa “solidão

⁴ *Id.*, *A Pedra Nua* in *Respirar a Sombra Viva*, Lisboa, Plátano, 1975, p. 211.

⁵ *Id.*, *Gravitações*, Lisboa, Litexa, 1983, p. 44.

⁶ *Id.*, *Clareiras*, *op. cit.*, p. 61.

⁷ *Id.*, *Acordes*, Lisboa, Quetzal Editores, 1989, p. 20.

⁸ *Id.*, *Boca Incompleta*, Lisboa, Arcádia, 1977, p. 88.

⁹ *Id.*, *Viagem através duma Nebulosa* in *Obra Poética I*, Coimbra, Fora do Texto, 1989, p. 40.

¹⁰ *Id.*, *Clareiras*, *op. cit.*, p. 25.

¹¹ *Ibid.*, p. 27.

inenarrável”¹² e, como Narciso, diluir-se num mundo de miragens e reflexos. Perder-se numa atmosfera de sombras, como Orfeu, num domínio do invisível que se pretende tornar visível, no mundo visível que se deseja transparência e ao mesmo tempo abertura ao invisível.

Num espaço que é “uma brecha um esplendor um redemoinho”¹³, o poeta na sua viagem às fontes da nupcial união das sombras e da luz¹⁴ procura a terra da sua e da nossa identidade¹⁵. O seu percurso em movimento: “habito um movimento no impossível ato de ser/ [...] até que o turbilhão/ se torne o vocábulo vivo e habitável”¹⁶ é uma procura do Ser, da palavra inaugural, do espaço do início, do espaço. Ao construir o poema, constrói o espaço: “a construção do poema é a construção do mundo”¹⁷.

Se tudo é linguagem, “somos sílabas”¹⁸, o que o poeta deseja profundamente é libertar a língua (libertar-se da língua?), ser o mundo¹⁹ e “em vez de palavras” conquistar uma “inocência solar”²⁰, um “nó oculto”, um nome oculto²¹, uma palavra incandescente²², uma palavra inicial, “a viva palavra do silêncio”²³, a “prosa da terra não sulcada ainda”²⁴.

Na poesia de António Ramos Rosa, a linguagem do Ser e a linguagem do mundo trocam os seus sinais, as suas evidências, os seus segredos. Conquistar o Ser representa conquistar, construir, ocupar o espaço.

¹² *Id.*, *O Incêndio dos Aspectos*, Porto, A Regra do Jogo, 1980, p. 76.

¹³ *Id.*, *Volante Verde*, Lisboa, Moraes Editores, 1986, p. 78.

¹⁴ “Sou um viajante em núpcias com a sombra/ e com a luz” — *ibid.*, p. 32.

¹⁵ “Esta é a terra nua da nossa identidade” — *ibid.*, p. 31.

¹⁶ *Id.*, *Boca Incompleta*, *op. cit.*, p. 62.

¹⁷ *Id.*, “A construção do poema”, in *Volante Verde*, *op. cit.*, p. 62.

¹⁸ *Id.*, “Visão”, *ibid.*, p. 66.

¹⁹ Cf. *ibid.*, p. 39.

²⁰ *Id.*, *Clareiras*, *op. cit.*, p. 31.

²¹ *Id.*, *Boca Incompleta*, *op. cit.*, p. 38.

²² *Ibid.*, p. 44.

²³ *Id.*, *Clareiras*, *op. cit.*, p. 29.

²⁴ *Id.*, *O Incêndio dos Aspectos*, *op. cit.*, p. 70.



Su Blackwell, *The Observer Book of Birds*, 2018.

Ocupação do Espaço

Ocupar, construir o espaço, é descobrir nele um *centro*, centro que no universo mítico, para o homem primitivo e para o homem religioso, se identificava com a revelação de um núcleo de energia, do Sagrado, capaz de conferir um sentido à existência, como fonte de saber, de força e de poder. Dilacerado entre o consciente moderno que recusa o Sagrado e o inconsciente arquetípico, como a “criança dividida ainda pela noite e pelo dia”, imagem dramática de *Círculo Aberto*²⁵, o poeta vive uma experiência paradoxal do conhecimento, em imagens que traduzem a consciência da estrutura complexa e contraditória da realidade e da realidade interior.

O desejo é não desejo²⁶, as palavras, mudas²⁷, possíveis, impossíveis, límpidas, impuras. A luz é não luz: “A claridade apaga a claridade”²⁸, o deserto é fecundo²⁹, tudo é secreto e evidente³⁰.

²⁵ *Id.*, *Círculo Aberto*, Lisboa, Editorial Caminho, 1979, p. 63.

²⁶ *Id.*, *Boca Incompleta*, *op. cit.*, p. 20.

²⁷ *Id.*, *O Incêndio dos Aspectos*, *op. cit.*, p. 83.

Como no pensamento indiano a libertação dos contrários na poesia de António Ramos Rosa corresponde ao encontro de uma nova e totalizadora visão do real. A fábula do Ser anunciada em *Boca Incompleta*: “o eu principia a sua própria fábula”³¹ completa-se em *Volante Verde*: “Respiram os contrários em formas simultâneas./ É uma fábula completa, é um país de silêncios”³². Essa fábula envolveu a “solidão renovada”, a queda, a experiência da noite e da morte na imagem de “abrir o subterrâneo mortal”³³, uma espécie de descida aos infernos representada no *Ciclo do Cavalo*: “desço ainda um degrau com o anjo infernal”³⁴ e no *Incêndio dos Aspectos*³⁵.

Imagens de uma grande violência em *Boca Incompleta* descrevem a vivência do absurdo, da ausência, a experiência das trevas, de que o grito é a mais dramática expressão. “Trucidado sem nascer/ com os pulsos abertos/ e os olhos coagulados sobre o muro”³⁶, o sujeito afirma ainda o desejo de nascer com a palavra, a urgência de Ser contraponto para o sentimento de não-vida, de não ser, de não verdade, de confusão e medo que se afirma com especial intensidade em *O Incêndio dos Aspectos*.

Um conhecimento que é uma forma de revelação anuncia-se nos primeiros livros de António Ramos Rosa, numa “palavra aberta/ [...] germinação clara/ espiral para o sol”³⁷, na memória de um anjo ou de uma sombra³⁸, em instantes de aparição, na luta por uma unidade perdida que encontra verdadeiramente expressão no *Ciclo do Cavalo*. O cavalo, mensageiro entre universos, negro ou luminoso, solar, alado, liga a terra e o céu, o humano e o divino, “liga esta ponte viva entre a morte e a vida”³⁹. A imagem ganha o seu pleno sentido em *Três Lições Materiais*: “Um cavalo corre na lenta

²⁸ *Id.*, *Gravitações*, *op. cit.*, p. 56.

²⁹ *Id.*, *Boca Incompleta*, *op. cit.*, p. 67.

³⁰ *Id.*, *No Calcanhar do Vento*, Coimbra, Centelha, 1987, p. 9.

³¹ *Id.*, *Boca Incompleta*, *op. cit.*, p. 66.

³² *Id.*, *Volante Verde*, *op. cit.*, p. 18.

³³ *Id.*, “A solidão renovada”, in *Respirar a Sombra Viva*, *op. cit.*, pp. 159 e 164.

³⁴ *Id.*, *Ciclo do Cavalo*, Porto, Limiar, 1975, p. 39.

³⁵ *Id.*, *O Incêndio dos Aspectos*, *op. cit.*, p. 29.

³⁶ *Id.*, *Boca Incompleta*, *op. cit.*, p. 15.

³⁷ *Id.*, *Estou Vivo e Escrevo Sol*, Lisboa, Ulisseia, 1966, p. 33.

³⁸ *Id.*, *Voz Inicial* in *Obra Poética I*, *op. cit.*, p. 101.

³⁹ *Id.*, *Ciclo do Cavalo*, *op. cit.*, p. 30.

velocidade das artérias. O amor conhece-se sobre a terra coroada: animal das águas, animal do fogo, animal do ar: a matéria é só uma, terrestre e divina.”⁴⁰

O cavalo, como a mulher⁴¹, é um mediador entre as trevas e a luz, entre a morte e a vida, entre a terra e o céu, o homem e o divino, o nada e o absoluto. Os mediadores são personagens e são ainda duplos do poeta. Figuras do desejo dão forma a um mundo do desejo. A realidade do desejo é a realidade do início que na poesia de Ramos Rosa se liga à intuição original de um centro, negado e encontrado, que reúne a luz e a sombra, ao pressentimento de uma harmonia desconhecida, perdida, intensamente procurada e efemeramente achada.

Clareira do ser e do divino que se manifesta no mundo e na linguagem do mundo num conjunto de imagens do Sagrado, de “deus que está sempre a nascer”, “suprema metamorfose do vazio”⁴². Vazio, voracidade e luz, “vazio iluminado”⁴³, “vazio ardente/ que envolve todos os contrários numa afirmação silenciosa”⁴⁴.

A revelação do Sagrado permite realmente a ocupação do espaço, “terra imóvel, país imenso”, a construção de “um abrigo que é espaço de descanso e de encontro”⁴⁵. O encontro de um centro que se liga à luz, imagem do divino, como o círculo traz consigo a “unidade íntima/ o amor de estar”⁴⁶. “O círculo dilata-se e dilata-nos/ o lugar revela-se no esplendor da luz”⁴⁷.

Luz do Paraíso

A revelação do maravilhoso dá-se no instante, “no lugar de uma contínua frescura e na fidelidade aérea ao absoluto presente”⁴⁸. O instante, unindo o sagrado ao tempo da existência, é uma imagem paradoxal da totalidade, de coincidência dos opostos. Como a imagem do Paraíso a que se

⁴⁰ *Id.*, *Três Lições Materiais*, *op. cit.*, p. 13.

⁴¹ *Cf. id.*, *Mediadoras*, Lisboa, Ulmeiro, 1985.

⁴² *Id.*, *Três Lições Materiais*, *op. cit.*, p. 27.

⁴³ *Id.*, *Clareiras*, *op. cit.*, pp. 27 e 61.

⁴⁴ *Id.*, *O Livro da Ignorância*, Ponta Delgada, Signo, 1988, p. 44.

⁴⁵ *Id.*, *Volante Verde*, *op. cit.*, pp. 34 e 51.

⁴⁶ *Id.*, *Círculo Aberto*, *op. cit.*, p. 10.

⁴⁷ *Id.*, *Gravitações*, *op. cit.*, p. 54.

⁴⁸ *Id.*, *O Livro da Ignorância*, *op. cit.*, p. 31.

liga este momento luminoso de nascimento, de recomeço, do homem, do mundo, da palavra: “Desperto transparente”⁴⁹, “Sou renovado pelo espaço, nasço num espaço verde”⁵⁰, “Como a fuga de um pássaro/ a palavra levanta-se dos ombros, o mundo recomeça.”⁵¹

A linguagem e o mundo, a linguagem do mundo, brilham: “Aqui a terra revelou-se um horizonte aberto e as palavras antigas reacendem-se”⁵². Uma nova língua nasce: “língua selvagem/ intacta”, “uma palavra iminente, silenciosa, inicial”⁵³. O jardim no início do tempo é a imagem arquetípica do Paraíso, arquétipo que reúne a experiência mística e a experiência poética. Jardim da luz, jardim do corpo e do amor. O Paraíso é um lugar central de harmonia, “Lugar de aroma e claridade e de palavras”⁵⁴. Faz surgir a eternidade no tempo, concilia o humano, o cósmico e o divino: “três reinos num só reino aéreo”⁵⁵. O Paraíso anuncia a renovação: o “Navio da primavera”, “O ouro do tempo”⁵⁶, “a unidade azul”⁵⁷, o encontro do ser com o Ser, a “amorosa identidade”, de que o espelho do universo⁵⁸ se torna uma imagem. A casa, figura possível da interioridade humana, destruída em *Boca Incompleta*⁵⁹, transforma-se numa casa de sol⁶⁰. A palavra voa, pássaro enfim liberto⁶¹. Na cidade, os homens⁶² vão ao encontro da cidade do sol, realizando o mesmo movimento ascensional que caracteriza a palavra⁶³.

A rosa perdida⁶⁴ é encontrada, imagem não já da ausência absoluta⁶⁵, mas da presença absoluta. Um novo conhecimento, conhecimento de amor, “mundo amoroso” que *Volante Verde* descreve, substitui “a cruel ignorância

⁴⁹ *Id.*, *Volante Verde*, *op. cit.*, p. 23.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 33.

⁵¹ *Ibid.*, p. 103.

⁵² *Id.*, *Gravitações*, *op. cit.*, p. 38.

⁵³ *Id.*, *Clareiras*, *op. cit.*, p. 29.

⁵⁴ *Id.*, *Volante Verde*, *op. cit.*, p. 38.

⁵⁵ *Id.*, *Gravitações*, *op. cit.*, p. 40.

⁵⁶ *Id.*, *O Livro da Ignorância*, *op. cit.*, p. 19.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 100.

⁵⁸ *Id.*, *Clareiras*, *op. cit.*, p. 31 e *Acordes*, *op. cit.*, p. 43.

⁵⁹ *Id.*, *Boca Incompleta*, *op. cit.*, p. 63.

⁶⁰ *Id.*, *Volante Verde*, *op. cit.*, p. 27.

⁶¹ *Ibid.*, p. 103.

⁶² *Id.*, *O Livro da Ignorância*, *op. cit.*, p. 65.

⁶³ *Ibid.*, p. 66.

⁶⁴ *Cf. id.*, *O Incêndio dos Aspectos*, *op. cit.*, p. 55.

⁶⁵ *Cf. id.*, *O Livro da Ignorância*, *op. cit.*, p. 78.

encerrando a palavra” que o *Incêndio dos Aspectos* revela⁶⁶ e acompanha a “obscura e ardente lucidez”⁶⁷ que nunca abandona o poeta. O “inseguro trajecto incendiado” de *O Incêndio dos Aspectos*⁶⁸, no *Livro da Ignorância* dá lugar a um incêndio feliz⁶⁹, que é uma resposta à luz.

A ignorância que o poeta passa a assumir é uma forma de inocência: “a inocência mais completa, mais nua”⁷⁰, fruição das pequenas maravilhas do mundo e consciência do seu enigma irreduzível. A árvore é a imagem de um novo reino, da união da inteligência e da alma⁷¹, *animus* e *anima*, conjunção alquímica⁷² que traduz o conhecimento, o domínio da matéria liberta do seu peso, devolvida à sua condição original, ao ouro, que regressa ao tempo, ao espaço e à palavra: “sílabas de ouro” em que o pensamento repousa⁷³.

O pensamento do repouso é o de uma *anima* sensível, de que a mulher feita de luz⁷⁴, cintilante maravilha⁷⁵, unindo “a obscuridade terrestre à claridade divina”⁷⁶ é a mais bela imagem. O conhecimento sensível envolve uma atenção minuciosa, o saborear das pequenas delícias do espaço, que é uma abertura aos seus grandes mistérios e permite encontrar “na matéria mais ínfima e subtil”⁷⁷ a presença simultânea do ser e do devir, um sentido oculto, transfigurado.

A partir de *Volante Verde* e até ao final da década de 80, o mundo solto e livre, aberto a uma consciência da harmonia do espírito e da alma, do consciente e do inconsciente, fala enfim, diz o seu núcleo, o seu centro, a sua paz, a sua alegria. Escutamos o grito de júbilo da consciência, “um grito de alegria na sua forma pura”⁷⁸, de amor do mundo e da imagem reencontrados que nos faz esquecer o grito estelar e doloroso que antes ecoara na sua poesia,

⁶⁶ *Id.*, *O Incêndio dos Aspectos*, *op. cit.*, p. 51.

⁶⁷ *Id.*, *Clareiras*, *op. cit.*, p. 45.

⁶⁸ *Id.*, *O Incêndio dos Aspectos*, *op. cit.*, p. 51.

⁶⁹ *Cf. id.*, *O Livro da Ignorância*, *op. cit.*, p. 73.

⁷⁰ *Id.*, *Volante Verde*, *op. cit.*, p. 12.

⁷¹ *Ibid.*, p. 73.

⁷² Gaston BACHELARD, *La Poétique de la Rêverie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1974, pp. 55 e 65.

⁷³ *Cf.* António Ramos ROSA, *O Livro da Ignorância*, *op. cit.*, p. 62.

⁷⁴ *Id.*, *Gravitações*, *op. cit.*, p. 56.

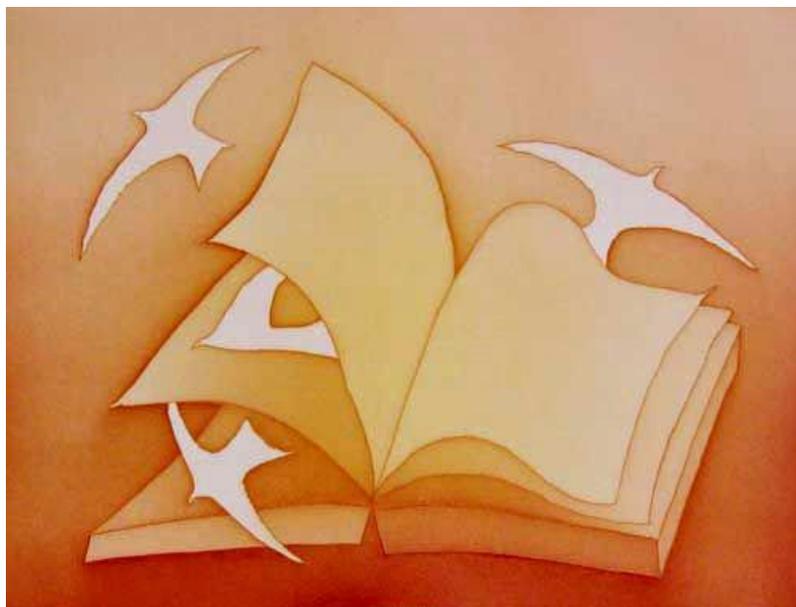
⁷⁵ *Id.*, *Acordes*, *op. cit.*, p. 53.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 44.

⁷⁷ Henriette LEVILLAIN, *Le Rituel Poétique de Saint-John Perse*, Paris, Gallimard, 1977.

⁷⁸ António Ramos ROSA, *No Calcanhar do Vento*, *op. cit.*, p. 37.

para reconhecermos com o poeta a “felicidade inviolável” que é sua e do universo⁷⁹.



Jean-Michel Folon, *Le Livre aux Hirondelles*.

No interior da Grande Espiral do Tempo – António Ramos Rosa hoje

O processo recomeça no entanto como uma espiral de duas faces que sempre se encaminha para a origem. Trazendo consigo o deflagrar dos mecanismos de um pensamento em explosão até ao delírio: “Inclino-me para a clareira vazia para purificar o meu delírio”⁸⁰, o acentuar de todas as dicotomias, culminando na experiência do vazio que se confunde com a imagem de Deus. O sol, de aparição magnífica em *Estou Vivo e Escrevo Sol*, verdadeiro emblema da vida, irá transformar-se em sol estilhaçado⁸¹, imagem de uma totalidade fragmentada. E no entanto permanecem as breves fulgurações de uma maravilha, de um tesouro oculto, de uma realidade luminosa, numinosa e total, na expressão de uma “voz concêntrica, multiplicada”⁸², imagem de uma palavra e de um eu concêntricos que à semelhança do universo têm o sol como centro.

⁷⁹ *Id.*, *Acordes*, *op. cit.*, p. 58.

⁸⁰ *Id.*, *Clamores*, Lisboa, Editorial Caminho, 1992, p. 55.

⁸¹ *Id.*, *A Imobilidade Fulminante*, Porto, Campo das Letras, 1998, p. 79.

⁸² *Ibid.*, p. 33.

Um pensamento onde não deixa de se vislumbrar uma espécie de revelação, uma cintilação da maravilha, uma totalização entre os contrários através do amor: “a coincidência só é possível entre os amantes”⁸³. O poeta tece o discurso cada vez mais labiríntico das suas palavras, oferece-nos a grande *liberdade* da Poesia que é a suprema surpresa do Ser em constante metamorfose: “estou no círculo da metamorfose ardente”⁸⁴. Liberdade que é uma espécie de jogo lúdico e dramático, absurdo e maravilhoso entre todas as virtualidades do Ser e do espaço, amando-se, repelindo-se, repetindo-se. Há uma confluência de metáforas, uma dissonância⁸⁵, uma rotação, uma contaminação dos movimentos, dos sentidos. Tudo é capaz de se transformar em tudo, tudo vive em tudo.

Cerimónia de iniciação do concreto no abstrato, do abstrato no concreto. Rasgam-se todas as fronteiras do conhecido, afluem todos os movimentos interiores à pura exterioridade de um real que é antes de mais uma visão anunciada. Porque não existe em si mesmo mas no puro devir das suas imagens paradoxais. Enquanto o exterior se interioriza e todo o real, um real irreal invade a alma e o espírito do poeta e floresce no esplendor de mil metáforas: “Sim, tudo é real e irreal/ nesta corrente silenciosa./ As nossas sombras reúnem-se/ na mesma chama!”⁸⁶

[...] *uma palavra viva/ como a única figura*
António Ramos Rosa, *O Navio da Matéria*

⁸³ *Ibid.*, p. 63.

⁸⁴ *Id.*, *Clamores, op. cit.*, p. 33.

⁸⁵ *Id.*, *A Rosa Esquerda*, Lisboa, Editorial Caminho, 1991, p. 15.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 17.

reconhecimento ancestral, tão ancestral como o mito que está na sua origem, essa palavra primeva que transporta o mistério de tudo. E tudo está sempre por dizer, num digladiar constante entre a palavra e o silêncio, até porque o essencial é o puro existente irreduzível que constantemente nos escapa e persiste como uma ferida, imagem de dor e perplexidade perante o enigma que impulsiona a linguagem a ultrapassar os seus limites.

A poesia de António Ramos Rosa formula o informulável, de um modo fragmentário, com todos os hiatos, todas as roturas, as contradições, os paradoxos de um pensamento que sempre negou as aparências, a linearidade racional, e busca nas fontes do indizível a iluminação da palavra visionária, a revelação que ilumina, espasmódica e fugazmente, a noite da nossa condição original: “A palavra tornou-se inumerável e era o mundo/ que no selvagem esplendor revelava a inocência da origem”⁹⁰.

Uma incursão no desconhecido, como espaço mental e como espaço cósmico povoado de símbolos e metáforas que o poeta enuncia, de que faz um mágico inventário, um catálogo infinito. Numa trama em que os mesmos temas mudam sucessivamente de rosto abre-se o espaço da revelação, um espaço abstrato, puramente mental, mas profundamente alimentado pelo concreto.

A transmutação tem um sentido alquímico: “Chegámos a este oiro incandescente,/ deus e demónio em interna unidade,/ que já não lutam e se abraçam/ no círculo da vida libertada”⁹¹, e um sentido alquímico invertido, do ouro para as cinzas, que deixa entrever uma civilização que perdeu os elos com o pensamento mágico e de que o poeta também é intérprete.

E no entanto deste incêndio, desta combustão onde se digladiam todos os opostos, as metades do Ser em correspondência com as imagens fundadoras do Cosmos, no fluxo inesgotável das palavras, vemos dealbar as clareiras de uma nova floresta de imagens e símbolos, verdadeira transfiguração da realidade rumo a uma outra, ainda sem nome, anunciada por todos os nomes. A mulher, mediadora da totalidade, permanece uma das grandes linhas de força da poesia de António Ramos Rosa. Mulher realidade e

⁹⁰ *Id.*, *A Rosa Esquerda*, *op. cit.*, p. 35.

⁹¹ *Id.*, *Facilidade do Ar*, Lisboa, Editorial Caminho, 1990, p. 14.

símbolo, *anima* sensível da natureza e rosto feminino de um tu enigmático que Ramos Rosa interpela ao longo de toda a sua poesia e que vai mudando de rosto, sujeito ao mesmo princípio da metamorfose que lhe preside. Mulher presente ou sugerida numa invocação ao amor que é também paradoxal aventura de conhecimento, jogo de contrários que só através dele se harmonizam e sempre expressão do desejo da palavra, sagração e combustão, vibrando a compasso dos acordes de uma sinfonia universal que envolve, no mesmo ímpeto noturno e solar, o corpo, a alma e a natureza na sua totalidade e um inalcançável mistério.

Mas o que nos restaria se tudo nos tivesse sido revelado? A poesia de Ramos Rosa diz a opacidade e as trevas de uma separação que segundo o mito do Paraíso original foi o resultado do insensato desejo de conhecer. Uma cisão com as fontes primordiais da Vida que nunca deixou de refletir-se na sua poesia “onde um corpo espera desde o fundo da noite a hora nupcial”⁹². E diz também a transparência, a revelação da maravilhosa inocência do início.

Núpcias alquímicas entre polos opostos, realidade total cuja luminosa essência vemos dealbar na poesia de António Ramos Rosa, como “a grande rosa de um luminoso início”, no “alvor do mundo”, título de um livro seu e de Maria Teresa Dias Furtado⁹³. Realidade total que depois da travessia e do incêndio dos aspetos permanece puro desejo da alma ao encontro de si mesma. Uma longa travessia do Caos em que se diluem todas as certezas e uma ancestral herança de felicidade. Uma aventura de conhecimento que junta palavra e imagem, numa relação entre “o olhar e o ser”⁹⁴ em que olhar “é o sono de uma razão intimamente aberta”⁹⁵ e em que ainda existe uma “visão aquém do olhar” que parece ter como horizonte um alfabeto único de signos plásticos que nos seus desenhos se anuncia. E que se antevê ainda na tendência para dar uma forma plástica ao seu pensamento onde a cor e a linha têm uma importância fundamental: “Escrevo como se quisesse desenhar uma

⁹² *Id.*, *As Armas Imprecisas*, Porto, Afrontamento, 1992, p. 39.

⁹³ *Id.* e Maria Teresa Dias FURTADO, *O Alvor do Mundo*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2002.

⁹⁴ *Id.*, *O Aprendiz Secreto*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2001, p. 32.

⁹⁵ *Id.*, *Clamores*, *op. cit.*, p. 37.

linha de equilíbrio e de repouso”⁹⁶, chegando uma figura como o círculo a aglutinar conteúdos fundamentais da sua poética⁹⁷. Enquanto a presença da “diagonal do ser”⁹⁸, a linha oblíqua evocada em *Deambulações Oblíquas*⁹⁹ e a referência à elipse: “o encontro será uma espécie de elipse”¹⁰⁰, figura que segundo Severo Sardouy¹⁰¹ simboliza o Barroco, podem evocar igualmente aspetos do seu pensamento e da sua linguagem numa vertente mais excessiva.

Uma poesia que não se deixa jamais decifrar no turbilhão dos seus paradoxos, no jogo quase alucinatório entre uma razão que mergulha no onírico e um sonho que emerge de uma razão estilhaçada, como o sol que a representa numa imagem, entre o pressentimento, a visão da plenitude e o vazio. Tudo nascendo da palavra e conduzindo à palavra e todas estas vertentes do pensamento e da imaginação alimentadas por uma pansensorialidade, a relação entre todos os sentidos, na origem de metáforas assombrosas, onde toma forma uma *geografia simbólica* e coexistem e trocam os seus conteúdos, o concreto e o abstrato, a exterioridade e a interioridade, o vertical e o horizontal, direções do espaço com conteúdos simbólicos que tendem para a harmonia representada plasticamente: “a profunda harmonia de uma coluna ascendente com uma coluna horizontal”¹⁰², e que são metáforas de puros conteúdos mentais com uma vertente onírica.

Vertente onírica que representa uma fusão entre todos os reinos, entre o humano e o cósmico, entre o visível e o invisível, o real e o irreal, em sintonia com o universo do grande pintor surrealista Cruzeiro Seixas, cujos desenhos estão presentes no seu livro *Declives*¹⁰³. Uma fusão nunca vista com esta intensidade e prolixidade inesgotável entre racional e irracional, sabedoria e ignorância, lógica e absurdo, estado de vigília e sonho, limiar do maravilhoso. Infinito jogo de paradoxos e contradições sem que por isso a verdade deixe de se enunciar e de se anunciar, “intacta maravilha”, inocência que respira “na

⁹⁶ *Id.*, *O Deus Nu(lo)*, Viana do Castelo, Centro Cultural do Alto Minho, 1988, p. 22.

⁹⁷ *Cf. id.*, *Círculo Aberto*, *op. cit.*

⁹⁸ *Id.*, “No repouso do princípio”, in *O Não e o Sim*, *op. cit.*, p. 86.

⁹⁹ Lisboa, Quetzal Editores, 2001.

¹⁰⁰ *Id.*, *A Imobilidade Fulminante*, *op. cit.*, p. 20.

¹⁰¹ Severo SARDUY, *Barroco*, Lisboa, Vega, 1989.

¹⁰² António Ramos ROSA, *Clamores*, *op. cit.*, p. 33.

¹⁰³ *Id.*, *Declives*, Lisboa, Contexto, 1980.

transparência do tempo”¹⁰⁴, com o fulgor de um cristal e o luxo de um diamante, e “onde tudo é real”¹⁰⁵. Uma poesia esfinge que contém todos os enigmas e todas as revelações, e que o seu autor define como “fértil enigma”¹⁰⁶.

O poeta revela uma total consciência do seu processo, o que a sua poesia testemunha. O poema é sempre uma confluência espantosa entre a realidade e a fábula: “ó mundo tão real no seu prodígio/ e tão verde no seu vigor de fábula”¹⁰⁷, entre a geometria, a ordem, “obedece a uma ordem interna/ inscrita no universo interior”¹⁰⁸ e a desordem, entre o movimento e a “imobilidade fulminante” (título de um livro seu já citado), grandes ritmos interiores e cósmicos.

A aventura de um grande poeta como António Ramos Rosa é a aventura de toda uma civilização. Representa a busca incessante do conhecimento através da explosão do sentido que tem ao centro a nostalgia da original sabedoria arquetipal, entre a racionalidade truncada das suas raízes oníricas, a Ocidente, que a poesia recupera na sua vidente perplexidade, e a mágica intuição da totalidade, a Oriente. Com o poeta voltamos a percorrer hoje o caminho rumo aos fundamentos originais do Ser, atentos e distraídos como ele gostaria, à espera de uma revelação que é a da Palavra, sinónimo de realidade em toda a sua fulgurante beleza, que tal como o Sol se esconde para no momento da sua ocultação nos brindar com a gloriosa apoteose do seu círculo total. Ouçamos ainda a voz do poeta: “Sem impaciência esperava a incandescência do poente/ em que o vagaroso leque do sol gloriosamente melancólico/ resplandecesse nas águas e na frente azul do céu.” Sol, como a luz, símbolo do conhecimento e do divino, lenta, esplêndida revelação na poesia de António Ramos Rosa.

¹⁰⁴ *Id.*, “Residência vegetal”, in *Facilidade do Ar*, *op. cit.*, 39.

¹⁰⁵ *Id.*, *Clamores*, *op. cit.*, p. 28.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 62.

¹⁰⁷ *Id.*, *A Rosa Esquerda*, *op. cit.*, p. 8.

¹⁰⁸ *Id.* e Maria Teresa Dias FURTADO, *O Alvor do Mundo*, *op. cit.*, p. 72.



Félix Vallotton, *Soleil Couchant dans la Brume*, 1911.